



TEOLOGIA EM COMUNIDADE

Editado por
CHRISTOPHER W. MORGAN
e ROBERT A. PETERSON

o Reino de Deus

Colaboradores

GREGG R. ALLISON, CLINTON E. ARNOLD,
ANTHONY B. BRADLEY, GERALD BRAY,
STEPHEN J. NICHOLS, BRUCE K. WALTKE,
ROBERT W. YARBROUGH



“Jesus ensinou de forma evidente e com frequência sobre o reino — mas explicar o sentido pleno de suas palavras é algo que ocupa há séculos os teólogos. Este volume capta a perspectiva bíblica — não apenas as palavras de Jesus, mas todo o escopo da percepção das Escrituras — de um modo detalhado, fácil de ler e abrangente. Deus usará essa obra para revelar percepções sobre seu reino e mudar sua perspectiva sobre viver no reino.”

Jeff Iorg, presidente, Golden Gate Seminary

“Morgan e Peterson reuniram uma coleção que traz clareza e precisão para uma discussão que em geral é bastante vaga. Este volume, como os outros da série *Teologia em comunidade*, é bem fundamentado no aspecto bíblico, incisivo da perspectiva teológica e sensível do ponto de vista pastoral. Aqueles buscando por um guia para compreender a relevância do reino — passado, presente e futuro — fará bem em consultar *O Reino de Deus*.”

Stephen T. Um, ministro sênior, Citylife Presbyterian Church, Boston, Massachusetts;
professor adjunto, Gordon-Conwell Theological Seminary

“Uma visão oportuna e animadora de uma doutrina da Bíblia negligenciada, mal compreendida, mas central — *O Reino de Deus* inspira, informa e edifica os pastores, estudantes, leigos e estudiosos. Essa obra mapeia um curso entre a Cila de uma concepção excessivamente espiritual de reino e a Caríbdis de compreensão super-realizada do Reino de Deus. Faz isso ao seguir os contornos da Bíblia em sua chegada à relevante compreensão bíblica do reino consistente com a melhor tradição evangélica. Uma obra que precisa estar presente na biblioteca de todos os estudiosos sérios da Bíblia.”

John David Massey, professor livre docente de Missões, Southwestern Baptist Theological Seminary

“Os ensaios desta obra fornecem uma avaliação útil e revigorante de um sentido multifacetado do Reino de Deus — do Antigo Testamento e das antigas alianças ao Novo Testamento e aos cristãos de hoje e até a consumação. Para os da minha geração cativados pela compreensão do Reino de Deus do ‘já/ainda não’ do Reino de Deus, conforme proposta por George Ladd, esta obra é uma expansão notável do século XXI sobre como o tema complexo e importante do Reino de Deus se refere tanto à ortodoxia quanto à ortopraxia.”

Kendell Easley, professor de Estudos Bíblicos, Union University;
autor, *The Illustrated Guide to Biblical History*

“Nesse elegante volume, sete teólogos de renome pelejam com as grandes questões em torno da noção bíblica de reino — forjando por fim um caminho para a igreja no qual não há nenhum conflito inerente entre a pregação e a vida do reino, entre ortodoxia e ortopraxia. O povo de Deus, como embaixadores do rei, proclama o reino e incorpora o governo de Deus em todas as dimensões da sociedade e da cultura e em toda a trama da vida humana.”

Bruce Riley Ashford, Deão e professor livre docente de Teologia e Cultura, Southeastern Baptist Theological Seminary; editor, *Theology and Practice of Mission*

“Em um momento em que os estudiosos continuam a contender sobre as várias interpretações do reino e pastores buscam encontrar caminhos concretos e claros para expressar a vida no reino a suas congregações, temos nesse volume um trabalho fundacional que auxiliará os estudiosos e os pastores em muitos anos por vir. Está tudo aqui — a história do debate, a teologia bíblica, a teologia sistemática e a aplicação muito prática. Quando terminei de ler este livro, sabia que minha compreensão do reino estava ampliada para sempre; talvez de maneira mais relevante, sabia que meu coração jamais ficaria satisfeito com qualquer coisa menor que a vida no reino.”

Michael Honeycutt, professor livre docente de Teologia Prática e Histórica, Covenant Seminary

“Chris Morgan e Robert Peterson fizeram um trabalho magistral de exploração de um construto mais abrangente do conceito de Reino de Deus. Eles, por intermédio de estudiosos de renome mundial, apresentam, conforme prometido, os preceitos “históricos, bíblicos, teológicos e éticos” do reino. A compreensão apresentada aqui é uma dádiva para o corpo de Cristo.”

Jim Parker, professor livre docente de Interpretação Bíblica, New Orleans Baptist Theological Seminary

Prefácio da série

Como o nome da série, Teologia em Comunidade, indica, a teologia em comunidade almeja promover o pensamento claro sobre as questões teológicas contemporâneas e históricas e as respostas devotas a elas. A série examina as questões centrais para a fé cristã, incluindo os tópicos tradicionais como pecado, expiação, igreja e céu, mas também alguns tópicos mais focados ou contemporâneos, como o sofrimento e a bondade de Deus, a glória de Deus, a divindade de Cristo e o reino de Deus. A série aspira não só seguir um método teológico sólido, mas também expô-lo.

Os capítulos abordando o Antigo e Novo Testamentos sobre o assunto do livro formam o cerne de cada volume. Os capítulos subsequentes sintetizam o ensinamento bíblico e o ligam a preocupações histórica, filosófica, sistemática e pastoral. Os volumes, longe de serem apenas meras coletâneas de ensaios, foram formados com todo cuidado para que as vozes de vários especialistas se combinem para proclamar uma mensagem unificada.

Mais uma vez, conforme o nome sugere, a teologia *em comunidade* também tenta demonstrar que a teologia deveria ser desenvolvida em equipes. Os ensinamentos da Bíblia foram forjados em situações de vida real pelos líderes das comunidades da aliança de Deus. Os ensinamentos bíblicos lidam com preocupações de pessoas reais que precisavam da verdade para guiar sua vida. A teologia foi formulada pela igreja e para a igreja. Essa série tenta recapturar essa realidade bíblica. Os volumes são escritos por estudiosos de vários históricos denominacionais e experiências de vida

com credenciais acadêmicas e conhecimento relevante no espectro de disciplinas teológicas que colaboraram uns com os outros. Eles escrevem a partir de uma visão elevada da Escritura com uma robusta convicção evangélica e de maneira graciosa. Eles não são só acadêmicos, mas estão pessoalmente envolvidos no ministério, servindo como professores, pastores e missionários. Os colaboradores desses volumes continuam com a igreja histórica, importam-se com a igreja global, compartilham a vida com outros cristãos nas igrejas locais e almejam escrever para o bem da igreja para fortalecer seus líderes, em particular os pastores, os mestres, os missionários, os líderes leigos, os estudantes e os professores.

Para a glória de Deus e o bem da igreja,
Christopher W. Morgan e Robert A. Peterson

Agradecimentos

Somos gratos ao Senhor por nos dar essa oportunidade de servi-lo.
Dentre seus servos fiéis, agradecemos:

Beth Ann Brown, Lydia Brownback, Allan Sholes e Rick Matt, pela hábil edição. Agradecimentos especiais são devidos a Elliott Pinegar, assistente de ensino do Robert, por editar todo o manuscrito e compilar a bibliografia.

Tony Chute, Jeff Mooney e Mike Honeycutt, pela leitura e sugestões.

Nossos bibliotecários James Pakala e Steve Jamieson no Covenant Theological Seminary e Barry Parker na California Baptist University, pelo auxílio profissional, oportuno e cortês.

COLABORADORES

Gregg R. Allison (PhD, Trinity Evangelical Divinity School), professor de Teologia Cristã, The Southern Baptist Theological Seminary

Clinton E. Arnold (PhD, University of Aberdeen), professor de Linguagem e Literatura do Novo Testamento, Talbot School of Theology

Anthony B. Bradley (PhD, Westminster Theological Seminary), professor livre docente de Teologia e Ética, The King's College (New York)

Gerald Bray (DLitt, University of Paris-Sorbonne), professor de pesquisa de Teologia, Beeson Divinity School

Christopher W. Morgan (PhD, Mid-America Baptist Theological Seminary), professor de Teologia e deão, School of Christian Ministries, California Baptist University

Stephen J. Nichols (PhD, Westminster Theological Seminary), professor de pesquisa de Cristianismo e Cultura, Lancaster Bible College and Graduate School

Robert A. Peterson (PhD, Drew University), professor de Teologia Sistemática, Covenant Theological Seminary

Bruce K. Waltke (PhD, Harvard University), professor honorário de Antigo Testamento, Knox Theological Seminary

Robert W. Yarbrough (PhD, University of Aberdeen), professor de Novo Testamento, Covenant Theological Seminary

Sumário

Lista de abreviaturas	11
Prefácio da série	13
Agradecimentos	15
Colaboradores	16
Introdução	17
1. O Reino de Deus: O reino em perspectivas contemporâneas e históricas	23
<i>Stephen J. Nichols</i>	
2. O Reino de Deus no Antigo Testamento: Definições e narrativa	51
<i>Bruce K. Waltke</i>	
3. O Reino de Deus no Antigo Testamento: As alianças	79
<i>Bruce K. Waltke</i>	
4. O Reino de Deus no Novo Testamento: Mateus e Apocalipse	103
<i>Robert W. Yarbrough</i>	
5. O Reino de Deus no Novo Testamento: Marcos e as epístolas	137
<i>Robert W. Yarbrough</i>	
6. O reino, os milagres, Satanás e os demônios	169
<i>Clinton E. Arnold</i>	
7. O reino e a igreja	199
<i>Gregg R. Allison</i>	
8. O reino e a escatologia	231
<i>Gerald Bray</i>	
9. O reino hoje	257
<i>Anthony B. Bradley</i>	
Bibliografia selecionada	291

Introdução

É claro que nenhuma visão da pessoa e obra de Cristo separada do contexto do Reino [de Deus] pode afirmar refletir um modo de pensamento bíblico.¹

David Wells está correto. Uma boa compreensão do Reino de Deus é indispensável para uma compreensão apropriada de Cristo e da redenção que ele proveu. O Reino de Deus é uma categoria bíblica muito extensa de fato. Portanto, uma compreensão abrangente do reino acaba por iluminar muitos aspectos da teologia. Contudo, não é fácil obter tal compreensão! A tentativa de obter uma compreensão abrangente do Reino de Deus é de fato um convite a muitos problemas. Começamos com a consideração de um desses problemas.

AS AFIRMAÇÕES DE JESUS SOBRE O REINO PARECEM CONTRADITÓRIAS

À primeira vista, as afirmações de Cristo concernentes ao reino parecem contraditórias.

O reino é presente ou futuro?

Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus (Mt 12.28).

Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai (Mt 26.29).

¹ David F. Wells, *The Person of Christ: A Biblical and Historical Analysis of the Incarnation* (Westchester, IL: Crossway, 1984), p. 23.

O reino diz respeito à salvação ou ao julgamento?

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25.34).

O Reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes. Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então se assentam e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. Assim acontecerá no fim desta era. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e lançarão aqueles na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes (Mt 13.47-50).

O reino quer dizer que Deus governa ou é o local onde ele governa?

Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim (Lc 1.31-33).

Vocês são os que têm permanecido ao meu lado durante as minhas provações. E eu lhes designo um Reino, assim como meu Pai o designou a mim, para que vocês possam comer e beber à minha mesa no meu Reino e sentar-se em tronos, julgando as doze tribos de Israel (Lc 22.28-30).

Essas questões, é claro, fornecem escolhas falsas, e um exame mais profundo das palavras de Jesus revelam que ele vê o reino como multifacetado. Ele fala do reino como presente e futuro, como incluindo a salvação e o julgamento, como englobando governo e local. Além disso, o reino diz respeito aos seres humanos, aos anjos e também aos céus e à terra.

JESUS ENFATIZA O REINO

A mensagem de Jesus, do começo ao fim, enfatiza o reino de Deus. Mateus resume o ministério inicial de Jesus na Galileia: “Jesus foi por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo” (Mt 4.23). Jesus, perto do meio de seu ministério, defende-se contra a acusação ímpia de ser por Satanás que expulsa demônios: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus” (Lc 11.20). E Jesus, na presença de Pilatos antes de sua crucificação, declara: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui” (Jo 18.36).

VISÕES TOTALMENTE DIVERGENTES DO REINO

Quando Jesus fala do reino, ele enfatiza a ação de Deus. R. S. Barbour afirma corretamente: “O Reino de Deus, por esse tema ser tão central para Jesus, tem a tendência de se tornar uma frase que se aplica a uma variedade de compreensões dessa ação no mundo”.² Essa exposição, conforme demonstram citações de representantes das cinco perspectivas do reino: o liberalismo clássico, o “evangelho social”, a teologia da libertação, o reconstrucionismo cristão e o evangelicalismo pós-moderno, é incompleta.

Primeiro, Adolf von Harnack: o clássico teólogo liberal:

O Reino de Deus vem ao vir para os indivíduos, ao entrar na alma destes e apreendê-la. Verdade, o Reino de Deus é a regra de Deus; mas é a regra do Deus santo no coração dos indivíduos; é *Deus mesmo em seu poder*. Desse ponto de vista, tudo que é dramático no sentido histórico e externo desaparece; e também se vão todas as esperanças externas para o futuro. Pegue a parábola que desejar — do semeador, da pérola preciosíssima, do tesouro enterrado no campo —, a Palavra de Deus, Deus mesmo, é o reino. Não é uma questão de anjos e demônios, tronos e principados, mas de Deus e da alma, a alma e seu Deus.³

Segundo, Walter Rauschenbusch, o “pai do evangelho social”:

O evangelho social [...] contrasta plenamente com o interesse religioso sobre os grandes problemas éticos da vida social. Despreza o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, com o qual os fariseus ainda se ocupam, e insiste em tratar de assuntos mais de peso da lei, da justiça e da misericórdia. [...] As práticas e as crenças não éticas no cristianismo histórico se centram, quase todas elas, na conquista do céu e da imortalidade. O Reino de Deus, por sua vez, não pode ser estabelecido por nada, exceto a vida e a ação justas. Não há nada no cristianismo social capaz de fomentar ou reforçar a superstição. Quanto mais o evangelho social se engaja com o pensamento teológico e o inspira, mas a religião se centrará na justiça ética.⁴

² *The Oxford Companion to Christian Thought*, ed. Adrian Hastings et al. (Oxford: Oxford University Press, 2000), p. 370.

³ Adolf von Harnack, *What Is Christianity?* (New York: Harper, 1956), p. 56, grifos no original.

⁴ Walter Rauschenbusch, *A Theology for the Social Gospel* (New York: Macmillan, 1917), p.15.

Terceiro, Gustavo Gutiérrez, o mais famoso teólogo da libertação:

Se acreditamos que o Reino de Deus é uma dádiva recebida na história, e se cremos, conforme as promessas escatológicas — tão carregadas de conteúdo histórico e humano —, nos indicam, que o Reino de Deus implica necessariamente no reestabelecimento da justiça neste mundo, então temos de crer que Cristo afirma que o pobre é abençoado *porque* o Reino de Deus já teve início: “O tempo é chegado. [...] O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Mc 1.15). Em outras palavras, a eliminação da exploração e da pobreza que impede o pobre de ser total e plenamente humano; um reino de justiça que vai muito além do que poderiam esperar teve início. Eles são abençoados porque a vinda do reino porá um fim à pobreza deles ao criar um mundo de comunhão.⁵

Quarto, R. J. Rushdoony, o reconstrucionista cristão original:

A igreja, para garantir a continuidade do reino de Cristo na terra, foi estabelecida para estender por toda a terra os direitos da coroa do Senhor da Glória e para fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.18-20). O poder sobrenatural da igreja fiel e verdadeira de Cristo é tão grande que as próprias portas do inferno não prevalecem contra ela nem conseguem deter seu avanço (Mt 16.18). [...] O Novo Testamento conta-nos que Jesus Cristo é o Senhor da Glória. O Estado moderno, portanto, tem a obrigação de deixar o Senhor entrar e se submeter a ele, e não controlá-lo. [...] Na Escritura, o Estado tem um ministério específico, a ministração da justiça (Rm 13.1). Seu lugar no plano de Deus é real, mesmo que limitado. O Estado tem de ser servo do Messias.⁶

Cinco, Brian McLaren, um influente evangélico pós-modernista:

As boas novas do reino, de acordo com ele, não passam de uma história do céu invadindo a terra e transformando-a, salvando-a e curando-a. [...] Uma *ecclesia* [uma igreja] é uma reunião de pessoas que se identificam como cidadãos do Reino de Deus e que vivem de acordo com um chamado mais sublime — o caminho de Jesus e sua mensagem do reino. [...] O Reino de Deus, conforme disse Jesus, era “para pregar boas novas aos pobres” (Lc 4.18). Há, com certeza, uma dimensão pessoal para o

⁵ Gustavo Gutiérrez, *A Theology of Liberation* (Maryknoll, NY: Orbis, 1988), p. 170–71, grifos no original.

⁶ R. J. Rushdoony, *Christianity and the State* (Vallecito, CA: Ross House, 1986), p. 33, 72, 74.

Reino de Deus na qual temos um relacionamento pessoal com o Rei. Contudo, há também uma dimensão social para o Reino de Deus, uma dimensão que desafia os pressupostos humanos (e religiosos) sobre a paz, a guerra, a prosperidade, a pobreza, o privilégio, a responsabilidade, a religião e Deus.⁷

NOSSO OBJETIVO

Apresentamos aqui cinco concepções distintas sobre o Reino de Deus — cada uma delas contendo pelo menos um elemento de verdade. No entanto, cada uma delas falha em captar a mensagem bíblica completa sobre o Reino de Deus. Parece que fazer isso é uma tarefa difícil, conforme explica Howard Marshall:

Apesar de a frase [Reino de Deus] ser o assunto de muita pesquisa bíblica em anos recentes e ser aventada com grande frequência nas discussões da ação social cristã, infelizmente é bastante comum seu uso de um modo vago e sem uma exposição bíblica clara nas igrejas sobre o sentido do termo.⁸

O propósito deste livro é remediar essa situação. Busca captar uma compreensão mais plena do Reino de Deus que qualquer uma das cinco concepções acima. Como? Ao adotar as perspectivas ética, teológica, bíblica e histórica, procura se mover o mais próximo possível de uma exposição abrangente do reino.

UM MAPA DO CAMINHO

Um mapa do caminho guiará os leitores. Stephen J. Nichols dá início a esse objetivo com “O Reino de Deus: O reino em perspectivas contemporâneas e históricas”, em que demonstra as diferenças e as similaridades das mais variadas ideias do reino ao longo da história as implicações delas para a teologia e a vida hoje. Quatro capítulos sobre o reino na Escritura ancoram esse volume. Bruce K. Waltke lança escoras ao tratar de “O Reino de Deus no Antigo Testamento: Definições e narrativa” e “O Reino de

⁷ Brian McLaren, <http://pomomusings.com/2008/01/14/brian-mclaren-on-the-kingdom-of-god/>.

⁸ I. Howard Marshall, *Jesus the Saviour: Studies in New Testament Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1990), p. 213.

Deus no Antigo Testamento: As alianças”. Robert W. Yarbrough constrói sobre elas nos capítulos que dão continuidade à história bíblica em “O Reino de Deus no Novo Testamento: Mateus e Apocalipse” e “O Reino de Deus no Novo Testamento: Marcos e as epístolas”.

Um fundamento bíblico é essencial, mas, para construir uma edificação teológica, precisamos de uma superestrutura. Os quatro capítulos seguintes fazem isso. Clinton E. Arnold trata de “O reino, os milagres, Satanás e os demônios” no “já” e no “ainda não”. Gregg R. Allison explora o complexo relacionamento de “O reino e a igreja” e suas ramificações para a missão da igreja. Gerald Bray considera o presente e o futuro e também o tempo e a eternidade em “O reino e a escatologia”. E Anthony B. Bradley conclui ao aplicar a teologia do reino a oito princípios de ortopraxia e justiça em “O reino hoje”.

Christopher W. Morgan e Robert A. Peterson